

FORA DA ZONA DE CONFORTO

Prefácio

Devo começar por confessar que fazer o prefácio desta obra tem um sabor agridoce, à semelhança do que afirma uma das enfermeiras cujo depoimento a integra. Ou seja, é, por um lado, reconfortante perceber que temos enfermeiros portugueses espalhados pelos “quatro cantos” do mundo; por outro lado, incomoda perceber que, após investirmos na formação destes profissionais e precisando o país tanto deles, não lhes criem as condições para que cá permaneçam, contribuindo para o nosso desenvolvimento e o bem-estar e saúde das pessoas a quem prestariam cuidados.

Explorarei um pouco mais cada um destes “sentimentos”.

Termos enfermeiros portugueses a trabalhar em contextos sociais, culturais, linguísticos completamente díspares e ao mesmo tempo, em sistemas de saúde também tão diversos, denota um nível de formação profissional de elevada qualidade. Só assim se compreende que consigam lidar com realidades tão distintas.

Esta constatação tem o seu quê de paradoxal, principalmente se considerarmos as críticas que, por vezes, por cá se fazem à formação que temos, bem como os obstáculos que se colocam a que a mesma se desenvolva e se prepare para

melhor responder às exigências crescentes da nossa sociedade. Veja-se, a título de exemplo, o arcaico e anedótico impedimento de a formação em Enfermagem poder assumir a natureza do contexto em que se insere, à semelhança aliás do que acontece com todas as restantes áreas de formação. Por outras palavras, ser de natureza politécnica se inserida num contexto politécnico e de natureza universitária se inserida numa universidade. Na prática isto significa que não podemos desenvolver de forma autónoma todos os níveis de formação, o que limita gravemente o desenvolvimento da disciplina e da profissão.

Mas termos enfermeiros espalhados pelos “quatro cantos” denota com certeza também características que estão além das que lhes são conferidas por qualquer formação. Denota uma vontade indomável de não resignação, de capacidade de luta e superação e de resiliência que coloca estas pessoas num patamar especial. Também por isso, não tenho dúvidas em afirmar que os que vão são os melhores dos melhores.

O que lhes conferirá estas características? Pertencerem a um povo que sempre fez da partida um modo de estar? Que transformou a descoberta num modo de ser? Que cruzou o desconhecido na procura de novas oportunidades? Ou serão razões mais prosaicas?

Encontramos exemplos de pessoas que se enquadram predominantemente nessa vontade de descoberta e superação. Mas temos também as outras, as que partiram porque não encontraram na sua terra as condições e oportunidades que precisavam. Por mim, preocupam-me estas últimas. Estas,

mesmo que não tivessem à partida a resiliência necessária, tiveram de a desenvolver, mesmo que a vontade de ficar superasse a vontade de partir, tiveram de ir.

De facto, dos depoimentos aqui apresentados, bem como de muitos outros conhecidos, depreende-se que existe em Portugal uma cultura de subaproveitamento das competências destes profissionais, associada à inexistência de carreiras ou a carreiras que não premeiam a competência nem estimulam o desenvolvimento. Por essas razões, mas não só, existem também modelos de cuidados e estruturas e culturas organizacionais arcaicas, que não evoluíram de acordo com as recomendações dos organismos internacionais (e.g., OMS e OCDE), com a evolução das competências dos enfermeiros e com as necessidades de cuidados da população. A título de exemplo, vejam-se os rácios de enfermeiros por habitantes, ou então o rácio de enfermeiros por médicos, que em algumas unidades funcionais (e.g., USF) chega a ser paritário.

Associado a isto, existem contextos laborais “rudes”, com sobrecarga de trabalho e muito hostis a qualquer tipo de conciliação da vida laboral com a vida pessoal e com o desenvolvimento profissional por via da formação. Veja-se, a título de exemplo, o argumento sistematicamente usado da elevada taxa de absentismo das enfermeiras. Não ocorrerá a quem o usa que tal se poderá dever ao facto de se tratar de um grupo profissional constituído em mais de 80% por mulheres jovens em idade de procriação? Não lhes ocorrerá que constituir família e engravidar no contexto das atuais condições de trabalho se transforma num desafio de

alto risco? Todavia, e em simultâneo, vão produzindo um discurso de promoção da natalidade. Paradoxal, no mínimo!

Veja-se ainda a penalização dos enfermeiros que decidem continuar o seu esforço de desenvolvimento através da formação avançada. Frequentemente as organizações não só não lhes dão qualquer tipo de estímulo, como ainda lhes colocam obstáculos. Curiosamente, no final de tudo isto e apesar de não terem participado do esforço, aproveitam o acréscimo de competências, ainda que não paguem por isso.

Depois, existiu ainda a malfadada mensagem para que saíssem da sua “zona de conforto” e fossem à procura de emprego noutras paragens. Mas qual zona de conforto? A atrás descrita?

Esta conjugação de fatores terá contribuído para que muitos enfermeiros tenham decidido tentar a sua sorte por outras partes do mundo. Mas desta saída massiva de enfermeiros resultam consequências para todos nós a múltiplos níveis, de entre os quais destacarei apenas quatro.

Primeiro, ficamos mais envelhecidos. Se saem os mais jovens e ficam os mais idosos, a taxa destes últimos aumenta. Mas o efeito é duplo, porque se saem jovens, provavelmente terão filhos nos locais para onde vão e não no nosso país, logo, o número de jovens diminuirá também por essa via.

Segundo, conseqüentemente, as famílias perdem a natural capacidade de cuidar dos seus, sendo que este argumento tem um duplo sentido. Se os mais jovens deixam de poder cuidar dos mais idosos porque aqueles não estão cá, também os mais idosos não podem ajudar os mais novos, nomeadamente nos cuidados e na educação dos netos.

Terceiro, ficamos mais pobres. Também neste caso o efeito é duplo, porque investimos (a família e o Estado) numa formação caríssima e no final não usufruímos desse investimento. Porque não usufruímos destes recursos, ficamos mais doentes (de salientar que a carga de doença e dependência em Portugal tem valores elevadíssimos), conseqüentemente, gastamos mais dinheiro, porque tratar a doença é muito mais caro que preveni-la.

Quarto, ficamos com muito menor capacidade de responder às necessidades da população, nomeadamente as que decorrem da profunda mudança epidemiológica a que estamos a assistir. Ou seja, porque o número de anos vividos com dependência está a aumentar, aumentarão também, exponencialmente, as necessidades de cuidados. Aliás, diga-se em abono da verdade que essa está a ser uma necessidade já sentida por grande parte dos países para onde os enfermeiros vão trabalhar. Isto significa que esses países, sendo, por norma, mais ricos que Portugal, usufruem, a custo zero, de uma mão de obra altamente qualificada e potenciam a capacidade de responderem à necessidade de mais cuidados. Nós, porque os perdemos, teremos, cada vez mais, uma capacidade limitada.

Aqui chegados, sobram-me algumas certezas. Tenho a certeza, não apenas por conta dos depoimentos presentes neste livro, que estes jovens que decidiram deixar para trás a sua “zona de conforto” e arriscar no desconhecido enfrentaram dificuldades que nem sequer tinham imaginado, descobriram sentimentos que apenas presumiam, sofreram angústias, desagravos e humilhações. Mas também tenho

a certeza de que se levantaram após cada queda, cresceram com cada novo desafio e acima de tudo que, do ponto de vista profissional, tiveram experiências e adquiriram conhecimentos que aqui não lograriam alcançar, esforçaram-se e foram reconhecidos e compensados por isso, atingiram patamares de responsabilidades inusitados.

Com estas certezas e com este capital acumulado, espero que exista a inteligência política suficiente para lhes serem criadas condições para que possam regressar, se esse ainda for o seu desejo. E que, regressados, exista a inteligência organizacional suficiente para aproveitar o melhor possível esta riqueza. A ser assim, não teremos perdido tudo.

Resta-me manifestar-lhes o meu público reconhecimento pela coragem e ousadia!

Bem hajam!

Évora, 8 de abril de 2019

Manuel Lopes

Professor Coordenador da Escola Superior de Enfermagem
de S. João de Deus – Universidade de Évora

Investigador do Comprehensive Health Research Centre

Introdução

Portugal é um país de gente arrojada, aventureira e inconformada! Sempre assim foi e sempre assim será. A história demonstra-nos, à exaustão, a verdade contida naquela afirmação. A vontade de conhecer outras realidades, dando “novos mundos ao mundo”, que caracterizou a época dos Descobrimentos, mas também a necessidade de ir à procura de melhores condições de vida e de oportunidades que sempre esteve presente, fez com que a emigração de portugueses fosse uma constante ao longo dos séculos.

Todavia, os dados conhecidos apontam para que o perfil típico do emigrante português se tenha transformado nos últimos tempos, deixando de ser caracterizado pelo trabalhador indiferenciado e de baixas qualificações para passar a ser preferencialmente composto por indivíduos com elevada diferenciação e formação académica. Esse facto guarda uma estreita, mas não exclusiva nem preponderante, relação com a massificação do acesso ao ensino superior, que se foi intensificando após o 25 de Abril de 1974, na busca de uma aproximação aos níveis de licenciados observados noutros países desenvolvidos que nos servem de referência.

Seria sempre de esperar – e, diria mesmo, de desejar – que houvesse um número de pessoas habilitadas com vontade de conhecer outras realidades e de experimentar desafios dificilmente possíveis entre portas, até por questões linguísticas e culturais, evoluindo e desenvolvendo capacidades que, de outro modo, seriam difíceis de alcançar. Mas, por outro lado, era também expectável que, num país da União Europeia com atrasos sistémicos em alguns dos principais pilares do seu sistema democrático, como a saúde e a educação, quando comparados com os demais parceiros europeus, a aposta recaísse nas pessoas que detêm mais formação para, em conjunto com a experiência e a *expertise* dos que já fazem parte do sistema, se atingirem os patamares de qualidade que todos ambicionamos.

Porque é inegável o valor que temos! Talvez o problema que nos tenha acompanhado por mais tempo seja a perceção sobre o que valemos, não tanto a valia em si. Não é preciso destacarmos o esforço que o atual Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, tem feito, desde o primeiro momento, honra lhe seja feita, para destacar a qualidade dos portugueses em todas as áreas que, dia sim, dia sim, ganham reconhecimento internacional, das artes às ciências, do desporto à cultura.

O nosso ensino superior destaca-se com elevadíssimo mérito, daí que países como Inglaterra nos recebam de braços abertos. E, no domínio da saúde, o Serviço Nacional de Saúde, apesar do excessivo e progressivo desinvestimento que tem conduzido a uma preocupante desmotivação dos

seus profissionais, apresenta significativa qualidade, devendo deixar-nos orgulhosos.

Ora, a crise financeira que nos abalou mais recentemente, mas sobretudo, estou em crer, as opções políticas que a acompanharam, conduziram muitos para a inevitabilidade de procurar fora o que não encontravam dentro. E, em dado momento, foram até incentivados a sair da zona de conforto... A ausência de respostas ou a persistência de condições em colisão com a dignidade que acompanha a expectativa acalentada por um dado nível de formação não deixaram alternativa a um número extraordinário de concidadãos – muitos dos melhores, e milhares deles enfermeiros – que foram impedidos de entrar no mercado de emprego e de contribuir, na diferenciação para que foram preparados, para a melhoria do todo nacional.

Dos que saíram, alguns regressaram, mas muitos nunca mais ou dificilmente o farão. E outros continuarão a aventurar-se por esse mundo fora, como sempre aconteceu. Porém, agora que a poeira parece assentar, que os dados conhecidos vão dando conta de uma evolução positiva da agudização da doença de que o país sempre padeceu, em que a apatia se vem transformado numa crescente ação e a desilusão vai dando lugar à esperança, importa dar voz a alguns dos que saíram, independentemente da razão. Essencialmente para se fazer as pazes com a História, para que o essencial da experiência de uns quantos, que pode ser a de muitos outros, fique contado na primeira pessoa.

Assim, todos ficaremos a perceber a envolvência de uma partida e de um começar noutra realidade, mais ou menos

estranha, e dos sentimentos, perdas e ganhos que podem até servir de inspiração para outros. E esta oportunidade pode servir também, espero eu, para conhecer outros modos de pensar e de fazer Enfermagem, possibilitando a discussão.

Nessa medida, colocámos o desafio a um conjunto de enfermeiros que estão noutros países, profissionais que conhecemos e alguns com quem tivemos uma relação de ensino e aprendizagem, de nos contarem a sua verdade, tendo apenas por orientação alguns itens de referência para orientar a sistematização da informação, como sejam: as razões que estiveram na base da decisão de emigrar; as dificuldades encontradas no processo de saída do país; os sentimentos na partida; os obstáculos encontrados e como foram sendo ultrapassados; a adaptação; como é viver e trabalhar fora; as estratégias para mitigar a saudade e novas sensações; o percurso no sistema de saúde; os entraves na integração profissional à cultura em vigor; as diferenças no sistema de saúde do país de acolhimento; a Enfermagem que se pratica; a valorização profissional; o regresso.

E, apesar dos riscos inerentes a esses limitados critérios, foi com esses que enfrentámos os desafios da escrita e da publicação. Sendo todos diferentes, com estilos literários diversos, devem esperar encontrar traçados alternativos, oscilantes, na forma e no conteúdo. Propositadamente, procurei interferir o mínimo, por forma a deixar “falar” o interior de cada um, da catarse de uns à objetividade de outros, e considero que isso é uma mais-valia do que aqui se apresenta. E, por outro lado, é importante referir que os contactos foram efetuados um a um, para reduzir o risco de

contaminação e aumentar a diversidade. Intencionalmente, fomos para além da Europa, a vários “cantos” do mundo, onde sempre há um enfermeiro português.

Julgo que este é um livro que importa ler e que tem imensa utilidade, para os que querem enveredar pela profissão, para os enfermeiros e até para quem, não o sendo, perspectiva sair do país e, nessa medida, pretende obter informações fidedignas. Mas perceciono que teve uma relevância ainda maior para os que ousaram escrever sobre si próprios. Numa altura em que se escreve muito sobre o que já está mais do que dito, alterando-se as palavras ou a sua ordem nas frases, quis fazer um esforço pela diferença num assunto que tem relevância, quando já há maior tranquilidade para o expor sem constrangimentos ou ressabiamentos.

Paulo Marques

Enfermeiro, Professor do Ensino Superior, Doutor em Enfermagem

P_oliveira_@hotmail.com